



Guillermo Bodner*

Em memória de Edmundo Gómez Mango

Quando escrevo estas notas já se passaram seis meses desde que Edmundo nos deixou. A dor inicial vai se transformando à medida que se constrói a lembrança de sua pessoa e o reencontro com sua obra. Assim o vivemos nos atos de homenagem em Montevideu, em agosto passado: um deles no Sindicato Médico do Uruguai, patrocinado pela sociedade de médicos escritores, e o outro pela Associação Psicanalítica do Uruguai (APU).

Ávido leitor de Freud, a atitude psicanalítica de Edmundo passava pelos alicerces de sua sólida formação. Explorava os vínculos da psicanálise com a literatura,

* Sociedad Española de Psicoanálisis.

a filosofia, a história, a política com uma atitude sensível a todo sofrimento humano, da angústia de seus pacientes até as injustiças sociais, alinhado com as lutas, comprometido até o final. Edmundo¹ foi obrigado a deixar o Uruguai durante a ditadura e escolheu a França como país de adoção; dominava a língua e a cultura francesas, mas permaneceu com o ouvido e o coração atentos ao palpitar de sua terra natal e de toda a América Latina.

Formado em medicina, psiquiatria, psicanálise, língua francesa e literatura universal, cultivou todas estas disciplinas com paixão e interesse sempre renovados. Estudioso dos clássicos da literatura europeia e latino-americana, escreveu até seus últimos dias sobre a função da linguagem poética em situações extremas, sociais ou íntimas, de Hölderlin a Juan Gelman e Alejandra Pizarnik. Estava profundamente interessado na pulsão *poiética* (criativa) dos recursos literários.

Seu agudo humanismo foi intransigente frente aos pensadores que se comprometeram, justificaram ou defenderam regimes totalitários e genocidas. Não se conformava com a denúncia, mas sim perseverava em compreender criticamente essas atitudes. Nos últimos e-mails que me enviou, pouco antes do desenlace, seguia submerso na releitura de Heidegger; a rejeição que lhe produzia sua adesão ao nazismo o estimulava a estudá-lo para indagar a influência de sua atitude política em seu pensamento filosófico.

Seus textos se encontram em prestigiadas revistas psicanalíticas e literárias da França, Uruguai e outros países; fez parte do comitê de redação de *Le fait de l'analyse*, dirigida por Michel Gribinski.

Agora que a direção da revista *Calibán* da Fepal oferece um espaço em sua memória, gostaria de me referir a um de seus últimos textos. É um pequeno ensaio sobre José Enrique Rodó², figura destacada da cultura uruguaia e da América Latina. O título da versão original era: “La vida nueva: Comienzos y destinos de la escritura de Rodó”³. Eu o escolho porque representa seu pensamento e porque transmite sua visão sobre a criatividade.

Destaca que a obra ensaística de Rodó se inicia com *La vida nueva*, cujo título – que evoca a Dante – agrupa três opúsculos. O primeiro, de 1897, reúne *El que vendrá* y *La novela nueva*. O segundo é um estudo sobre as *Prosas Profanas* de Rubén Darío e o último contém *Ariel, a la juventud de América*.

Escreve EGM:

Como parece ocorrer em todos os movimentos profundos da vida cultural, aqui também as duas vertentes, pessoal e de época, são indispensáveis: o desejo subjetivo de novas formas da realização poética, e a participação, que é também indagação criativa, do *Zeitgeist*, a vibração “do espírito do tempo”, entidade misteriosa, sempre inapreensível, sempre presente.⁴

Penso que EGM se sente próximo a Rodó por causa de sua busca de novas formas de criação poética e sua sensibilidade vibrante com o “espírito do tempo”.

1. De agora em diante, EGM.

2. Montevideu, 1871 - Palermo, 1917.

3. A *Revista de la Academia Nacional de Letras* publicou uma versão deste texto, com outro título (Gómez Mango, 2018), quando Gómez Mango estava já gravemente doente. As citações do presente artigo foram retiradas da versão original, que Edmundo Gómez Mango me enviou sob forma de arquivo de texto.

4. N. do T.: Tradução livre desta e das demais citações que seguem.

Citando Víctor Hugo, lembra que com o “necessário intrincamento do pessoal e do coletivo: a ‘visão do pensador’, se faz mais límpida e profunda quanto mais se expõe ao ‘vento’ da época”.

E prossegue:

Acredito que também alude [...] ao contexto da amizade que estava na origem de *La Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales* (1895), que ele [Rodó] e alguns jovens uruguaios tinham fundado em Montevideu: *Las horas*, e o epistolário de Goethe e Schiller, são alguns dos mais célebres exemplos da experiência da amizade transformada em produção literária da literatura universal.

Aqueles que durante tantos anos cultivamos e nos nutrimos da amizade de Edmundo, sabemos o sentido que tiveram para ele os vínculos afetivos com seus mestres, na literatura e na psicanálise, e também com seus colegas, que compartilhamos de uma forma ou outra seus interesses intelectuais, políticos e, principalmente, a *exposição profunda ao vento da época*.

O objeto amoroso da “nova vida” sonhada por Rodó se centra na figura da América, como ideal da juventude, e da renovação cultural e literária. Dante reflete a vida espiritual nova da juventude da época. Expressa um duplo significado: uma profunda renovação da vida interior do poeta, e o início de um novo estilo literário, reconhecida mais tarde como o *Dolce Stil Novo*.

Não pretendo resenhar aqui todo o artigo, mas destacar traços da personalidade de Edmundo que se refletem em sua visão e interpretação de Rodó. A paixão juvenil que moldou seu espírito desde os anos na Faculdade de Medicina, implicado na solidariedade das lutas universitárias, sempre acompanhou sua formação cultural e sua evolução pessoal.

A obra de Dante, entre o final do Medievo e o início do Renascimento, floresce em meio a uma mudança radical na visão do mundo, da teocracia à modernidade. A “vida nova” de Rodó, nos lembra EGM, surge em outra mudança de época: o fim do século, a agonia do colonialismo europeu, o processo independentista da América Latina e o aumento da influência norte-americana.

Edmundo se forjou em outra época de grandes ilusões sociais e culturais das quais foi partícipe ativo. Deixa uma linda família com sua companheira de toda a vida, suas filhas, genros e netos, inseridos na França, mas, como ele, com o coração atento ao Uruguai.

Referências

Gómez Mango, E. (2018). De mar a mar: Morir escribiendo. *Revista de la Academia Nacional de Letras*, 14, 137-150.

